



♥ Ivan Jaf
E
DESAPARECEMOS
♥ UM
→ NO OUTRO

© Ivan Jaf

Diretor editorial
Marcelo Duarte

Capa
Igor Campos

Diretora comercial
Patty Pachas

Diagramação
Victor Malta

Diretora de projetos especiais
Tatiana Fulas

Preparação
Beatriz de Freitas Moreira

Coordenadora editorial
Vanessa Sayuri Sawada

Revisão
Carmen T. S. Costa

Assistentes editoriais
Juliana Silva
Mayara dos Santos Freitas
Roberta Stori

Impressão
Loyola

Assistente de arte
Mislaine Barbosa

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Jaf, Ivan, 1957-
E desaparecemos um no outro / Ivan Jaf. – 1. ed. – São Paulo: Panda
Books, 2016. 168 pp.

ISBN 978-85-7888-520-5

1. Ficção infantojuvenil brasileira. I. Título.

15-23719

CDD: 028.5
CDU: 087.5

2016

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

Visite nosso Facebook, Instagram e Twitter.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

*No amor nada se faz senão de muito perto,
mas nunca mais se corrige um gesto precipitado.*

Choderlos de Laclos

Sumário

1. Aline e o judô	8
2. João, o teatro e a maionese	18
3. Aline e o liquidificador	26
4. João e a régua	34
5. Aline e o perigo greco-romano	39
6. João e os limites da sinceridade	48
7. Aline e seu Batman	56
8. João e o fato de não ser uma sardinha	63
9. Aline e todo o reino animal	69
10. João e a samambaia	79
11. Aline com ciúme do infinito	87
12. João e seu rema-rema	96
13. Aline e os mamíferos	102
14. João e a alavanca	110
15. Aline e os globos terrestres	115
16. João e o fato esmagador	126
17. Aline na caça	136
18. João se desfazendo	146
19. Aline e seu tesouro misterioso	156
20. Aline e João	164



ALINE e o judô

– Olha, Aline, eu não quero ser daquele tipo que depois que a coisa acontece fica repetindo “eu bem que avisei”, mas eu bem que avisei.

Tenho vontade de matar a Lídia quando ela dá uma de mulher experiente. Coitada. Até parece. Tudo bem, ela é um ano mais velha, e já transou, com o namorado, e agora vive com aquele ar de quem sabe tudo. Bom, eu sou virgem, então um pouco mais do que eu ela sabe. O problema é que nesses casos esse pouco é muito, faz uma diferença danada, e eu quero *saber* mais também! É, mas isso não dá a ela o direito de curtir com a minha cara! Ainda mais porque o namoradinho dela é muito feio, coitado, desengonçado. Mas ela não pode ser muito exigente, né? É gorda e tem celulite. É o que eu penso e tenho vontade de falar na cara dela.

Que coisa horrível, Aline! É claro que eu não falo, fico me segurando, mas que dá vontade dá, é minha amiga, mas odeio quando ela faz aquela cara irritante e me trata como uma idiota. E a besta continua:

– Eu falei pra você que o Renato é um cafajeste. Não sei como você pôde ficar com ele.

Fiquei porque eu *posso*. Inveja dela. Pura inveja. O Renato é o maior gato da turma. Todas as meninas do colégio babam por ele.

– Não sei o que você viu naquele bobão.

O que todo mundo vê. Os olhos azuis, o cabelo preto escorrido, o jeito que ele saca no vôlei, as pernas saindo daquela sunga preta na praia, a tatuagem no braço, e que braço, ele malha, e faz judô, e...

– Agora fica aí reclamando, se fazendo de vítima. Todo mundo vê que o carinha é mais primitivo que um Neandertal.

Eu não devia me abrir com uma despeitada como a Lídia, mas preciso desabafar. A coisa toda tá entalada na minha garganta. Foi tudo muito horrível. E afinal ela é a minha melhor amiga. Tenho que contar pra alguém.

Duas horas da tarde. Eu e o Renato. A gente se encontra no shopping. Um sábado meio chuvoso. O cinema vazio, sessão das duas. Minha mãe fica furiosa porque eu infernizo a coitada pra apressar o almoço e depois saio correndo. Sentamos nas primeiras poltronas, a imagem toda distorcida lá em cima mas a gente não tá nem aí, as cadeiras em volta todas vazias porque ninguém consegue ver o filme dali. O filme não importa, nem sei qual é. O Renato... Ele beija de um jeito... tipo decidido. É. Vai avançando mesmo. Apertando aqueles lábios grandes nos meus. Até me assustei na primeira vez, na sexta, um dia antes, dançando lá na festa da Maria, ainda mais porque tava todo mundo olhando pra gente. Eu não era boca virgem nem nada, mas na hora não tava ligada, tava só dançando mesmo, aí ele puxou minha nuca e me deu um beijo de língua que eu fiquei até tonta, não foi muito romântico não, foi mais pra golpe de judô, porque eu não

consequia mexer a cabeça, nem lembro direito, acho que abri a boca foi de espanto, aí a língua dele foi entrando, e a minha tentando escapar, e ele achando que eu tava a fim e, bom, acabei a fim mesmo, porque pensei: “É o Renato, cara. Toda menina da sala tá a fim dele”. Foi mais ou menos isso.

– O Renato é o típico filhinho de papai – a Lídia quando começa não sabe parar. – Mimado, chato, convencido. Não aceita frustração.

Mas é o sonho de consumo de toda garota.

No dia seguinte, cinema no shopping. A luz do cinema apaga, meu coração aos pulos, tenho até vergonha de que ele escute as batidas dentro do meu peito. A gente tá ali pra beijar, e faz isso. Ele puxa minha cabeça de novo, como fez na festa, meio com força mesmo, pega assim, por trás, pela nuca. Um calor sobe pelo meu corpo. Até suar. É uma coisa meio tensa. A boca do Renato tá quente e ele aperta forte contra a minha. Às vezes eu acho bom, às vezes forte demais. Ele aperta a boca *contra* a minha, não a favor. Aquela mão na minha nuca me incomoda. Ele acha que eu tô querendo escapar? Vou ficar com torcicolo. Não precisa tanta pressão. Beijar é bom, mas a pessoa precisa continuar respirando. Eu quero, quero mesmo, mas assim não consigo relaxar. A língua dele encosta nos meus dentes, força, fica procurando a minha língua, e ela tá lá, claro, pra onde ela pode ir? Não há muito espaço dentro da boca pra se fugir de outra língua, às vezes um beijo de língua não passa de perseguição, mas no começo é bom, entro na onda, pego no pescoço dele com as duas mãos, aperto, mas depois quero mais suavidade, quero que a coisa flua mais natural, quero ritmo, delicadeza, ouvir a música dos anjos, ou pelo menos poder respirar direito,